

A FESTA DO “VALE ENCANTADO”... OU O X FESTIVAL DA CACHAÇA (DE) ABAÍRA: DIMENSÕES ESPETACULAR, INTERATIVA E EDUCATIVA

*Rosiléia Oliveira de Almeida**

* Professora do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas das Faculdades Jorge Amado – FJA, Salvador - BA. Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas - SP. E-mail: rosi_oliveira@terra.com.br

Resumo: Estudo contextual das relações entre cultura e desenvolvimento que toma como objeto de pesquisa o X Festival da Cachaça (de) Abaíra, cidade baiana localizada na Chapada Diamantina, a 592 km de Salvador-BA. A partir de uma concepção de cultura como matriz de condutas e, ainda, de desenvolvimento como mudança social orientada, procura-se fornecer indícios sobre como a dinâmica das mudanças sociais, impulsionada pela otimização do processo produtivo artesanal de cachaça, manifesta-se na organização do evento. Constata-se, como estratégia política local, uma perspectiva cultural para o desenvolvimento, que se revela no entrecruzamento da evocação do passado com as esperanças depositadas no futuro, traduzida nos cenários, nos discursos e na programação do evento, bem como nos símbolos locais e na produção material da cachaça. Apesar de se obter evidências de que os saberes autóctones tradicionais são valorizados no processo de modernização tecnológica em curso na microrregião de Abaíra, percebe-se que a maioria dos produtores está à margem das mudanças intencionadas, o que pode ser atribuído tanto às tensões e conflitos que animam a dinâmica social local, quanto à ausência de políticas públicas e à falta de sinergia das ações ligadas ao setor. A ausência de elementos de informação e orientação facilitadores da aproximação e apropriação do capital cultural incorporado ao processo produtivo da cachaça revela que a ênfase recai muito mais na amplitude espetacular do evento do que nas dimensões interativa ou educativa.

Palavras-chave: cachaça; cultura; desenvolvimento; mudanças sociais; produção cultural; educação.

Abstract: Contextual study of the relations between culture and development the object of which is the 10th “Cachaça” Festival of Abaíra, a Bahian city located in the Chapada Diamantina, 556 km away from Salvador/BA. Departing from the concept of culture as the matrix of behaviors and of development as an oriented social change, one tries to show how social change dynamics, impelled by the optimization of the artisan productive process of cachaça, is manifested in the organization of the event, which is revealed in the intercrossing of evocations from the past with hopes deposited in the future, translated in the scenarios, speeches and in the event programming, as well as in the local symbols and in the material production of the beverage. In spite of the evidences that traditional autochthonic knowledge is valued in the process of technological modernization present in the micro region of Abaíra, it is also evident that the majority of producers are at the margin of the intended changes, and this can be attributed both to the tensions and conflicts that stimulated local social dynamics, and to the absence of public policies and the lack of synergy of the actions linked to the sector. The absence of information and orientation elements that would provide the appropriation of the cultural capital incorporated to the productive process of the cachaça reveals that the emphasis is given much more on the spectacular greatness of the event than on the interactive or educational dimensions.

Keywords: cachaça; culture; development; social changes; cultural production; education.

UM BREVE APERITIVO...

Visando promover um estudo contextual das relações entre cultura e desenvolvimento¹, à luz destas categorias analíticas, tomamos como tema de estudo o X Festival da Cachaça (de) Abaíra,

¹ As genealogias do conceito de cultura resgatam a concepção antropológica originalmente formulada por Franz Boas, em 1930, segundo a qual a cultura é um sistema integrado de idéias, valores e símbolos. Uma concepção igualmente restritiva de cultura foi formulada por Talcott Parsons, em 1951, na sua Teoria Geral da Ação, que demarcou as fronteiras entre a antropologia, a sociologia e a psicologia, considerando que seus respectivos objetos, a cultura, a relação indivíduo-coletividades e a personalidade, em interação, moldariam as ações de cada pessoa. Clifford Geertz, em 1966, e David Schneider, em 1968, propuseram um sistema ainda mais especializado, ao atribuírem um caráter exclusivamente simbólico e auto-referenciado à cultura, negando que ela estivesse orientada para padrões de ação. (KUPER, 2002; LARAIA, 2004). Sahlins, no mesmo caminho, formulou, em 1976, uma crítica à idéia de que as culturas humanas são constituídas a partir da atividade prática e de interesses utilitários. Para o autor, a cultura, enquanto sistema simbólico com autonomia fundamental, é que define a práxis, que constitui a utilidade. (SAHLINS, 2003). Neste trabalho, devido ao nosso interesse por compreender a dinâmica das mudanças sociais em um contexto de modernização tecnológica e reconhecendo as controvérsias existentes acerca da autonomia da cultura, enquanto sistema simbólico, em relação à ação, optamos por uma concepção prospectiva de cultura enquanto matriz de condutas, que integra maneiras de sentir e de pensar, e também propensões a agir, tendo uma relação crucial com o desenvolvimento, entendido como processo de mudança social orientada, que envolve a escolha de soluções para problemas cruciais, cuja realização produzirá resultados sempre imprevisíveis. (SILVA, 2000).

importante festa popular, tanto pelo público que atrai, quanto pelo seu simbolismo, realizada na pequena cidade de Abaíra-BA, no período de 15 a 18 de setembro de 2005. Abaíra, localizada na Chapada Diamantina a 592 km de Salvador, com população total, segundo o Censo 2000 do IBGE, de 9.067 habitantes (dos quais 5.508, correspondentes a 60,75%, em ambientes rurais) e que se auto-intitula "A Capital da Cachaça", sedia a Associação de Produtores de Aguardente da Microrregião de Abaíra (APAMA), da qual participam 145 produtores dos municípios de Abaíra, Piatã, Mucugê e Jussiape. Destes, 34 têm comercializado, através da Cooperativa de Produtores de Aguardente da Microrregião de Abaíra (COOPAMA), a cachaça que produzem.

O significado de Abaíra no cenário da produção de cachaça na Bahia é ressaltado no próprio topônimo, pois o termo significa "abundância de mel". A região apresenta atributos favoráveis à produção artesanal de cachaça e de outros derivados da cana-de-açúcar, tais como condições edafoclimatológicas (latitude, altitude, luminosidade, fotoperíodo, solo, pluviosidade, temperatura e umidade relativa do ar), variedades de cana adequadas, condições econômicas e, principalmente, tradição. Circundados por regiões áridas e montanhosas realçam microclimas propícios à cultura da cana e à sua transformação em fonte de renda, empregos, bem-estar, qualidade de vida e auto-estima para os habitantes.

Reconhecendo esse potencial da região, há vinte anos produtores de cachaça da região, mobilizados pelo sentimento de que poderiam fazer frente às dificuldades do setor apenas se estivessem unidos, e com forte **propensão a agir**, tomaram a atitude estratégica de criar a APAMA, cuja ata de fundação já expressava como meta o desenvolvimento regional.

O evento, cuja organização teve à frente a APAMA, com o suporte da Prefeitura Municipal e de outros parceiros, constou de duas programações: a festa profana, que congregou grande número de moradores dos espaços urbanos e rurais da microrregião, bem como visitantes que se dirigiram à localidade atraídos pelas atividades culturais, como as exposições dos stands da Vila da Agroindústria, cavalgada, forró, churrasco e, especialmente, as apresentações de diversas bandas e cantores com renome na região e, até mesmo, no Brasil; e o evento técnico, que reuniu diferentes atores vinculados à história da cachaça Abaíra, lideranças políticas da região, representantes comerciais, pesquisadores de instituições de ensino superior e produtores de cachaça vinculados à APAMA/COOPAMA.

O festival, evento bienal, apresenta, em sua décima edição, um grande significado como fato social, uma vez que os promotores introduziram uma série de inovações que, preservando costumes locais, conferiram ao evento características de uma produção cultural mais próxima dos contextos urbanos². Porém, essa configuração da festa não pode ser interpretada à luz de uma visão evolucionista ou por uma oposição polar entre cultura e desenvolvimento. Como destaca Silva (2000, p. 111):

² O festival teve uma ampla visibilidade pública, com investimento em ações midiáticas de divulgação e de cobertura. Entre os meios utilizados destacaram-se: outdoors, panfletos, notas publicitárias em jornais impressos, cobertura de redes de TV e de rádios regionais, matérias em sites de órgãos públicos (Sebrae, Agecon, Setras, Bahiatursa, etc.), de jornais (A Tarde, Correio da Bahia, Jornal da Mídia, Nossa Cara On Line, etc.) e de empresas dos ramos de *turismo* e *alimentos e bebidas* (Abase, Sobreturismo, Revista de Eventos, Business Travel Magazine, etc.).

Os modos de vida e as referências de conduta não evoluem ao modo de uma sucessão, em que à cultura "rural" ou à tradição se seguiriam naturalmente a urbanidade e a modernidade, eliminando-as. Nem as correspondências entre o que poderíamos designar, só por necessidade analítica e simplificação, de estruturas simbólicas e estruturas sociais são automáticas e lineares. Lidamos com coisas cruzadas, não com coisas sucessivas. Através das mesmas ou de diferentes pessoas, a cidade que se entusiasma com o grupo [...] de rock é a mesma cidade que [...] participa maciçamente na peregrinação religiosa [...].

Enquanto um espetáculo de celebração identitária, o festival traduz a dinâmica cultural local, marcada pela atualização seletiva e adaptativa dos padrões de conduta e produções culturais, moldados ao longo das gerações, no espaço rural. Essa atualização ocorre em um contexto de encruzilhada social com os bens, símbolos e disposições provenientes de contextos urbanos, cuja penetração tem ocorrido de forma não linear e não universal. Dessa forma, as categorias cultura e desenvolvimento são adotadas na análise do festival, não por entendermos que entre elas haja uma contraposição absoluta ou um movimento inexorável, mas, sim, pelo seu potencial heurístico, como destaca Silva (2000), na interpretação dos processos sociais.

Assim como a cachaça (de) Abaíra, o festival também se tornou tradição. Considerando-se tradição tudo o que exprime enraizamento num passado, numa duração, sendo uma referência para entender e controlar simbolicamente os tempos, durante o evento a irreversibilidade do tempo histórico e pessoal cedeu lugar à reversibilidade do tempo social, entrelaçando diferentes tempos: o longo tempo das estruturas históricas, o tempo da conjuntura e o tempo do acontecimento. (BRAUDEL, 1977 citado por SILVA, 2000, p. 12).

A FESTA DE ABERTURA... UM TEMPO DE INTERFACES

O cotidiano é o modo como, numa dada conjuntura, a longa duração permeia o tempo curto. (SILVA, 2000, p. 12)

Organizada no Centro Comunitário de Abaíra, em torno do qual foi montado o ambiente cenográfico do evento, a festa de abertura do X Festival da Cachaça (Fig. 1) exaltou o passado, reconhecendo nele a possibilidade de descerrar as portas do futuro e de levar o nome de Abaíra a todo o Brasil e ao mundo. Além de promover um encontro entre diferentes tempos, o evento também fez interface entre a esfera pública e os bastidores da produção da cachaça. Manifestando valor socioeducativo, mostrou os fatos históricos fundadores, promoveu a apologia das práticas artesanais de produção e situou como progressos passados, presentes e supostamente vindouros as mudanças socioculturais em curso na região.

O painel montado no palco retratava, de forma idílica, uma cena de produção da cachaça que traduz o entrelaçamento dos diferentes tempos (Fig. 2). Estaria representando o "Vale Encantado", aludido nos discursos dos participantes do evento como o local onde no passado e ainda hoje, em meio à aridez da topografia, se dá a produção da cachaça em Abaíra? Tendo ao fundo a Serra da Tromba, localizada em Piatã, a cena traduz o processo artesanal de cachaça idealizado no passado, quando, no longo tempo das estruturas históricas, cultura e natureza supostamente conviveriam de forma harmônica.

Mas no tempo da conjuntura, práticas usuais dos produtores do passado e do presente estampadas no painel não mais se ajustam: a plantação de cana na margem do rio onde deveria ter sido preservada a mata ciliar, a arquitetura do alambique e sua operação em local próximo ao rio de Contas, contaminando suas águas com o vinhoto... Esse passado idílico é, simultaneamente, negado e reverenciado no tempo do acontecimento... no tempo do X Festival da Cachaça.



Fig. 1. Solenidade de abertura com painel retratando um alambique, em cena idílica.



Fig. 2. Painel da solenidade de abertura, em destaque.

As inovações do Festival 2005 evidenciaram-se na organização do espaço físico, que foi decorado com simplicidade requintada, um aparente oxímoro que revela a não-oposição entre cultura e modernidade³. Sobre tonéis de carvalho, simbologia do passado ativada no presente, estavam dispostos delicados arranjos de flores. A ambiência artesanal foi combinada com a disposição dos assentos em mesas, e não mais como auditório, seguindo a tendência atual da produção de eventos culturais. Sobre as mesas estavam dispostas cestas artesanais com amostras de produtos derivados da cana produzidos na região: rapadura, açúcar mascavo e cachaça, esta em uma embalagem em miniatura. (Fig. 3).



Fig. 3. Decoração do ambiente na solenidade de abertura, com delicados arranjos sobre tonéis.

³ Ao reavaliar, em 1964, os conceitos de tradição e modernidade, Bendix critica a vertente intelectual surgida com o advento da sociedade industrial na Europa Ocidental que concebia a existência de um contraste hostil entre tradição e modernidade. Essa vertente compreendia a mudança social como a transição almejada entre uma tradição em declínio e uma modernidade em ascensão e separava as sociedades em tradicionais e modernas, com base em atributos disjuntivos, operando o estudo da mudança social por um modelo de antes-e-depois. Para o autor, há elementos de continuidade entre tradição e modernidade, de forma que os processos de mudança social devem constituir em si mesmos o foco de análise do pesquisador (abordagem em perspectiva), e não a tradição, entendida como sobrevivência do passado, que cederia lugar a uma crescente modernização (abordagem retrospectiva). Considerando-se que os processos de mudança social não são uniformes, os papéis impulsionadores do desenvolvimento pelas minorias instruídas, pelos grupos que organizam ações concertadas, pelos intelectuais, pelos estratos dirigentes e pela escola têm de ser analisados para cada sociedade. (BENDIX, 1996).

O evento foi aberto fazendo-se uso das novas tecnologias informacionais, com a exibição do documentário "Tudo começou assim...", em que a cachaça de Abaíra é apresentada como o "Fenômeno do Sertão". A celebração do passado deu-se pelo resgate da origem do nome da cidade, pelo destaque aos produtores de cachaça e aos técnicos que, ao longo dos últimos vinte anos, têm impulsionado o processo de modernização⁴ produtiva, e, ainda, pelas imagens de carros de boi transportando a cana-de-açúcar e de engenhos de cana-de-açúcar movidos, também, por bois. Essas imagens têm um importante significado simbólico, acionando os fundos de conhecimentos coletivos que compõem a memória da comunidade local e sendo, por isso, tomadas como símbolos da cidade e da cachaça Abaíra. A Prefeitura Municipal tem como logomarca uma imagem do sol no centro com colmos de cana nas laterais com a inscrição "Novos Rumos para Abaíra" (Fig. 4) e a cachaça Abaíra traz a ilustração de um carro de boi, com colmos de cana nas laterais. (Fig. 5), traduzindo uma perspectiva cultural para o desenvolvimento local⁵.



Fig. 4. Logomarca da Prefeitura Municipal de Abaíra: vinculação entre passado e futuro.
Fonte: Prefeitura Municipal de Abaíra.



Fig. 5. Nova embalagem da cachaça Abaíra, mantendo a imagem de um carro de boi no rótulo.

A vinculação entre passado e futuro nas embalagens da cachaça Abaíra é realçada à medida que seus designs se tornam cada vez mais futuristas, a exemplo da embalagem que se encontra atualmente em desenvolvimento, cujo rótulo tem efeito tridimensional: carro de boi estampado na frente e plantação de cana e trabalhador rural carregando a cana ao fundo. (Fig. 6). Essa vinculação é muito importante, pois, como enfatiza Jameson (2001), ao discutir a dimensão econômica da globalização, "a produção de mercadorias é agora um fenômeno cultural, no qual se compram os produtos tanto por sua imagem quanto por seu uso imediato", sendo que a propaganda tornou-se uma "mediação fundamental entre a cultura e a economia" (p. 22). Discordamos do autor apenas num ponto: a produção de mercadorias **sempre** foi um fenômeno cultural; o que atualmente se evidencia é uma intensificação de nossa percepção da mercadoria como fenômeno cultural devido à expansão da cultura da imagem e pelo fato de as mercadorias terem passado a ser consumidas também esteticamente.

⁴ Adotamos neste trabalho a definição restritiva e operativa de modernização proposta por Solé (1998) como a incorporação de tecnologia científica pela *intelligentsia* (intelectuais e profissionais cuja subsistência depende da aplicação e disseminação de conhecimentos) autóctone à textura social de suas comunidades. Além de superar o subjetivismo e as conotações ideológicas que vinculam modernização à idéia de progresso, essa concepção favorece os estudos empíricos que tomam a modernização como uma categoria analítica.

⁵ Numa perspectiva cultural do desenvolvimento os códigos simbólicos acionados pelos grupos, os valores, normas e atitudes, as competências práticas e as qualificações, as maneiras de pensar, de sentir e de agir, em geral, constituem o elemento decisivo, como fim e vetor de transformação. Desta forma tanto a análise teórica quanto a estratégia política devem promover a "articulação entre as condições de existência e os esquemas de ação". (SILVA, 2000, p. 168).



Fig. 6. Embalagem da Cachaça Abaíra, que se encontra em desenvolvimento.

A praça central da cidade exibe duas esculturas em tamanho real de um carro de boi e de um engenho acionado por bois, que também vinculam o presente ao passado. (Fig. 7 e 8).



Fig. 7. Escultura de carro de boi. Praça Central de Abaíra.



Fig. 8. Escultura de engenho antigo movido por bois. Praça Central de Abaíra.

A ênfase no passado histórico na construção de uma perspectiva cultural para o desenvolvimento da localidade, traduzida no documentário, também é evidenciada na visão de futuro construída para a cidade, na qual a fabricação da cachaça é apresentada como "nossa maior tradição". (PREFEITURA MUNICIPAL DE ABAÍRA, 2005).

Embora o documentário realce nas imagens o passado, o discurso liga esse passado às esperanças depositadas no futuro. O Diretor Técnico da APAMA ressaltou o desenvolvimento tecnológico do setor, ao destacar que atualmente os produtores já contam com equipamentos mais modernos; o prefeito municipal, também produtor de cachaça e membro da APAMA, enfatizou a importância da cachaça para projetar a cidade no cenário estadual, nacional e internacional e para promover o desenvolvimento social; e o diretor da APAMA referiu-se às perspectivas de desenvolvimento educacional geradas pela cachaça, ao comparar a APAMA a uma faculdade, em cujo engenho-escola "se está sempre aprendendo".

Os discursos buscavam efetuar a rentabilização simbólica da cachaça Abaíra, apresentada como a melhor do Brasil e elemento identitário local, com base na evocação de elementos considerados primordiais e característicos do mundo rural. Mas, apesar da predominância de um estilo de vida rural e da prioridade rural das políticas de desenvolvimento local, a população começa a dar sinais de abertura

para a modernidade, até mesmo em atitudes simples como a de substituir o adobe, antiga matéria-prima para construção de muros e paredes, por tijolos. É por isso que um dos oradores destacou que "transmuta-se a fisionomia do campo".

Em Abaíra, torna-se evidente como o processo de modernização impulsionou mudanças sociais. Segundo Silva (2000, p. 21) "não há inovação técnica [...] cuja aplicação não represente alterações ou desenvolvimentos de práticas e relações sociais a ela articuláveis". No caso específico de Abaíra, a aplicação das inovações não envolveu simplesmente processos adaptativos ou capacidades estratégicas diante de condicionamentos externos. Ela resultou da intervenção deliberada e ativa de lideranças locais e de parceiros, que, juntos, impulsionaram ações coletivas para a transformação das estruturas sociais. Essa intervenção gerou várias possibilidades de ação, cujos resultados ainda são imprevisíveis⁶.

Para Silva (2000) os processos de mudança estratégica intencional devem se orientar pelo princípio de que a principal qualidade de um programa de mudança não é a sua qualidade formal, mas a sua adequação aos contextos sociais, de forma que o critério da técnica ótima cede lugar ao critério da técnica apropriada. Assim, "os objetivos, os meios e as estratégias de desenvolvimento devem subordinar-se ao primado das maneiras de sentir, pensar e agir [...] dos grupos cujas necessidades cabe satisfazer e cujos desejos/projetos cabe realizar". (p. 145). Em Abaíra procura-se valorizar os saberes autóctones tradicionais e investir na otimização das tecnologias artesanais simples, baratas, apropriadas à pequena escala, que vinculam os seres humanos à natureza e geram postos de trabalho. Além disso, estabelece-se um diálogo com os produtores fundamentado no reconhecimento de suas virtuosidades analíticas, de sua abertura à exterioridade e, também, de sua capacidade de inovação. Mas, apesar desses avanços, ainda é necessário compreender por que a maioria dos produtores da região encontra-se à margem do processo intencionado de mudança, o que requer o estudo das tensões e conflitos que animam a dinâmica social local⁷.

A ampla teia de sinergias no desenvolvimento da cachaça tornou-se notória pela presença no evento de autoridades e representantes de órgãos públicos (prefeitos de Abaíra e Piatã, Secretário de Agricultura de Abaíra, Presidente da Câmara Municipal de Abaíra, Diretor do Sebrae e diretor da EBDA) e pelas homenagens conferidas a dez personagens, vinculados a diversas instituições (CAR, SICM, Sebrae, Banco do Brasil, Embrapa, Banco do Nordeste e Ministério da Agricultura) e independentes (consultor e antigo padre), que, nas palavras do prefeito, "ajudaram a encurtar os caminhos", engajando-se, com lealdade, em ações voltadas para o desenvolvimento da região e ajudando a tornar Abaíra "respeitada,

⁶ Conforme alerta Thompson (1998), há sempre uma imprevisibilidade nas mudanças, pois embora não exista desenvolvimento econômico que não seja ao mesmo tempo mudança de uma cultura, esta mudança jamais pode ser rigorosamente planejada. O autor expõe, por exemplo, situações de resistência dos trabalhadores ingleses aos mecanismos de regulação do tempo de trabalho, que lhes foram impostos com o advento da modernização produtiva. Tal resistência decorria do fato de que a economia familiar dos pequenos produtores rurais tinha uma clara orientação para as tarefas e pouca demarcação com a vida. Assim, podemos concluir que qualquer proposta de desenvolvimento que não tenha uma perspectiva cultural, que não dialogue com as tradições, corre o risco de tê-las como barreira estrutural.

⁷ Como evento de celebração identitária, o festival cumpriu o papel de sublimar essas tensões e conflitos, que se revelaram apenas sutilmente, como, por exemplo, na mudança do nome de Festival da Cachaça "**de Abaíra**" para Festival da Cachaça "**Abaíra**". O primeiro gerava insatisfações, já que a produção de cachaça também ocorre em mais três municípios da microrregião. Com a alteração, são excluídos da celebração os produtores não vinculados à APAMA e gera-se um problema ético, pois a administração municipal apóia um evento que promove uma marca e não especificamente o lugar e o produto.

olhada e levada a sério". Os significados econômico e político da cachaça para o município foram traduzidos no agradecimento do prefeito também aos produtores "que abriram as portas para a tecnologia" e na afirmação contundente de que, através da cachaça e de outros produtos da cana, a prefeitura "abre caminhos e consegue recursos".

Como evento social a solenidade de abertura, registrada por redes de televisão, transmitida ao vivo pela FM local e presenciada por habitantes da cidade e visitantes, apenas tangencialmente abordou problemas do setor, quando o diretor técnico da APAMA destacou as necessidades de crédito e as dificuldades de comercialização ou quando o diretor geral da APAMA ressaltou as três dificuldades com as quais a associação se deparou ao longo do tempo: "a capacitação de produtores" e "colocar a cachaça na garrafa", no passado, e "colocar a cachaça no mercado", atualmente. Para as pessoas diretamente vinculadas ao processo produtivo fatos como a ausência à solenidade de prefeitos de municípios parceiros e o não-agradecimento público por parte de um dos homenageados tiveram um significado marcante, discutido nos bastidores, embora imperceptível ao grande público.

Enquanto um texto comemorativo do passado a solenidade promoveu uma reconstrução seletiva da memória identitária coletiva, reduzindo a complexidade das realidades históricas ao destaque de fatos e figuras que engrandeceram a história local. Esse texto traduziu a trama das relações sociais em uma linguagem de consenso, apoiada no valor comum da cultura tradicional local, não permitindo espaço para a contradição expressa. Sendo assim, a solenidade, enquanto uma produção cultural, cumpriu o importante papel de projetar a cidade, para o interior e para o exterior. Fortaleceu os sentimentos de pertença e de identificação, traduzidos na assertiva de um dos homenageados de que ali eram todos "romeiros da mesma fé". Transmitiu a mensagem de que a história da cachaça Abaíra está vinculada à luta e à organização dos produtores e à quebra de paradigmas, ao mostrar que os pequenos produtores podem agregar qualidade aos produtos, atendendo às exigências do mercado e atingindo pontos de venda nacionais e internacionais. Foi também uma manifestação de resistência à estereotipia, às distorções e à estigmatização do universo da cachaça, através da construção de uma representação positiva do grupo social dos produtores de cachaça, retratado como uma coletividade que luta por mudanças e que se contrapõe às práticas sociais e às produções culturais que, cumulativamente, construíram uma imagem mistificadora da cachaça como promotora da degradação humana e da desagregação social.

A FESTA PROFANA...

No documentário exibido na solenidade de abertura afirmava-se que "o festival muda o ritmo da pequena cidade". De fato, a dimensão de espetáculo assumida pela festa e intensificada a cada edição, se, por um lado, traz atratividade ao evento, principalmente entre os mais jovens, por outro lado contrasta com os hábitos culturais das pessoas do lugar, especialmente as da zona rural, que, apesar do acesso aos meios de comunicação de massa, têm se mantido fiéis às práticas próprias do campo.

Um fato pitoresco traduz a dissonância entre os hábitos culturais de visitantes e habitantes. O diretor técnico da APAMA contou, com ironia, que um consultor técnico em cachaça, hóspede em sua

fazenda, realizava freqüentes caminhadas matinais. O tio do referido diretor, morador a cerca de 1 km, procurou seu sobrinho e perguntou o que fazia aquele moço indo três vezes até próximo a sua casa e voltando, mas não batendo à porta. Mas por que ele não batia? Será que ele queria um café? Para esse morador do campo é inconcebível que alguém tenha que andar assim, de forma forçada, para exercitar-se fisicamente. Não seria melhor pegar numa enxada? Esse fato e outras evidências, como a timidez das senhoras mais velhas e a cortesia dos senhores mais velhos, contrastam com a vulgaridade das letras das músicas e a sensualidade das danças que dominam a produção musical baiana e que invadiram as ruas de Abaíra durante o festival.

Até o último festival as festividades ocorriam na praça central da cidade, onde, próximo à igreja, construída em 1879, há um palco fixo, tendo ao fundo uma grande construção tridimensional de uma garrafa de "Abaíra". Por trás do palco, voltada para a rua, há uma torneirinha. Segundo uma técnica do Ministério da Agricultura, um antigo prefeito da cidade mandou construir aquela garrafa e, durante os festivais, as pessoas podiam servir-se de cachaça diretamente naquela torneirinha, uma prática que induzia ao consumo abusivo, inclusive entre menores.

A realização do evento na praça também permitia que famílias participassem da festa, seja brincando no parquinho, seja consumindo iguarias vendidas em carrinhos e barraquinhas, seja sentando-se nos bancos e observando o movimento, de forma que crianças pequenas presenciavam cenas de consumo de bebida alcoólica. Outro problema era a falta de controle pelos organizadores da origem da cachaça vendida nos bares e barracas, pois na região existem muitos alambiques informais, bem como a prática de produção de cachaça clandestina, obtida pelo desdobramento ilegal do álcool etílico potável. O intenso barulho dos shows, o grande número de carros de som pelas ruas também traziam desconforto para as famílias residentes nas imediações. A preocupação com a segurança também era constante.

Esses fatores levaram a APAMA a obter o apoio da Prefeitura Municipal na construção de um espaço específico para as festividades. Esse espaço, embora situado em região periférica da cidade próxima a região habitada, permite facilmente o deslocamento a pé. O espaço tem aproximadamente 20.000 m² e consta do prédio do antigo Centro Comunitário; de uma área parcialmente coberta com toldos, onde foi montado um grande palco para shows (Fig. 9), bem mais amplo que o palco edificado no centro da cidade; de uma quadra de esportes, onde foram montados 30 stands para venda de iguarias e bebidas (Fig. 10); e, ainda, da Vila da Agroindústria (Fig. 11), uma área gramada recentemente com um coreto em madeira e um engenho antigo ao centro, marginados por 25 stands com fachadas de casas coloniais (Fig. 12) e por um restaurante rústico, onde eram preparados em fogões a lenha pratos típicos da região (godó de banana, cortado de palma, carne seca, etc.) em fogões a lenha.



Fig. 9. Área interna com palco para shows.



Fig. 10. Stands para venda de iguarias e bebidas.



Fig. 11. Portal da Vila da Agroindústria



Fig. 12. Stands na Vila da Agroindústria.

Os stands foram concedidos pela APAMA a órgãos públicos (Ibametro, Sebrae), a prefeituras da microrregião de Abaíra (Projeto de Flores Ornamentais de Mucugê), a Associações Comunitárias (Associação de Produtores de Artesanato da Comunidade de São José, do Município de Piatã, etc.), a produtores de artesanato, a pesquisadores do ramo da cachaça e a produtores de equipamentos utilizados na produção de cachaça. O stand da APAMA, além de expor os produtos, foi decorado com peças evocativas do vínculo da cachaça Abaíra com a tradição, o que é ilustrativo da perspectiva cultural que se pretende imprimir ao desenvolvimento local. (Fig. 13-16).



Fig. 13. Stand da APAMA. Exposição da cachaça Abaíra com garrafão e miniaturas de tonel e de engenho como peças decorativas.



Fig. 14. Stand da APAMA. Cachaça Abaíra e miniatura de engenho como peça decorativa



Fig. 15. Stand da APAMA. Miniatura de carro de boi sobre o piso coberto com bagaço de cana.



Fig. 16. Stand da APAMA. Tonel e peroba como elementos decorativos.

Num dos stands, os visitantes podiam participar de uma pesquisa desenvolvida na UFV sobre preferência do consumidor por embalagens e rótulos, evidenciando a aproximação entre os mundos acadêmico e produtivo. (Fig. 17).



Fig. 17. O produtor de cachaça mais antigo de Abaíra, participando da pesquisa sobre embalagens e rótulos.

A ausência de elementos de informação e orientação que facilitassem a aproximação e apropriação do capital cultural incorporado aos objetos e equipamentos expostos nos stands é uma evidência de que foi muito mais enfatizada a amplitude espetacular do evento do que as dimensões educativa ou interativa. Segundo Silva (2000), é necessário qualificar os componentes educativos das ações culturais, rompendo com a superficialidade e a ocasionalidade de sua relação com o universo escolar, bem como com sua desvinculação aos currículos formais. Como a tradição não constitui, em si mesma, um fator de desenvolvimento, para que ela não resvale numa cultura subterrânea, é necessário acioná-la, interpretá-la e recodificá-la num quadro de futuro promissor. Nesse processo, a formação escolar e profissional cumpre um papel crucial na preparação estratégica de uma geração de jovens qualificados e comprometidos com a sua realidade social, o que pode gerar maior autonomia em relação às intervenções transitórias de técnicos e animadores externos. Nesse sentido, as escolas locais poderiam se relacionar com o universo da cachaça e participar das festividades muito mais intensamente, tomando a ambiência natural, cultural e social como referência educativa.

Para Silva (2000) a educação é um componente consubstancial ao desenvolvimento, pois este não é um processo espontâneo. Exige, entre outros fatores, a difusão de formas de racionalidade e conteúdos

cognitivos característicos do pensamento científico e tecnológico, cuja veiculação se dá, de forma privilegiada, pelos sistemas de educação e, sobretudo, pela escola. Além disso, há a necessidade de se adaptar as formas e conteúdos educativos ao universo simbólico de cada grupo social receptor, o que se justifica não apenas por questão de eficácia, mas também de ética.

Em Abaíra, a produção de cachaça constitui-se como a principal atividade econômica, permeando as relações sociais locais e estando vinculada aos ambientes familiares das pequenas propriedades rurais, nos quais as crianças convivem cotidianamente com o universo da cachaça. Sendo assim, afastar as crianças das festividades, com base no argumento de protegê-las, parece não ser a melhor estratégia para preservar o seu vínculo afetivo com a prática cultural da produção de cachaça.

A venda de bebidas alcoólicas ficou restrita aos stands montados próximo ao espaço dimensionado para os shows, onde crianças não tiveram acesso, pois seu funcionamento ficou restrito ao horário noturno, sendo o ingresso de cada uma das três noites com programação noturna vendido a R\$ 10,00⁸, com entrada permitida apenas para maiores de 18 anos. (Fig. 18). A presença de um selo holográfico no ingresso impedia a falsificação. (Fig. 19).



Fig. 18. Controle do acesso ao espaço interno dos shows.



Fig. 19. Ingresso com selo holográfico.

O evento contou com uma infra-estrutura bem montada, com dez banheiros volantes, seguranças, amplo policiamento em todos os espaços, com revista dos visitantes por policiais nas entradas da cidade, ambulâncias e estacionamento controlado, com o pagamento de uma taxa de R\$ 5,00. A carência de hotéis na região é compensada pela hospitalidade dos habitantes, que acolhem os convidados e visitantes em suas residências, por cortesia ou a baixo custo.

A preocupação da APAMA em afastar as crianças de ambientes com consumo da cachaça, evidenciada, por exemplo, na criação recente de um rótulo específico, com uma formiguinha forte, para a rapadurinha distribuída entre elas durante o festival, é legítima, no sentido de que atende aos imperativos legais, embora seja questionável nos planos valorativo e prático. Além disso, a transferência da festa para o Centro Comunitário atingiu apenas parcialmente os objetivos, como, por exemplo, no que se refere à

⁸ Como o Festival tem alcançado uma dimensão espetacular e há a necessidade de atender às múltiplas demandas dos públicos através da diversificação da oferta, o orçamento do Festival tem se tornado cada vez maior, exigindo a cobrança de ingressos e o patrocínio de empresas locais. Estas, em contrapartida, puderam promover seus produtos os quais foram anunciados pelo locutor dos shows e, também, em peças publicitárias projetadas em um telão disposto ao lado do palco.

segurança, pois com o policiamento intensivo não houve registro de episódios de violência durante as festividades em outros espaços.

Um dos problemas constatados foi relativo à promoção da cachaça Abaíra no espaço do Centro Comunitário, que foi prejudicada pela venda de outras bebidas alcoólicas nos stands e pelo despreparo dos vendedores locais para enaltecer as qualidades da cachaça do lugar. Segundo relato de uma visitante, ao pedir uma caipirinha com Abaíra, uma vendedora sugeriu que ela tomasse outra bebida, justificando que "cachaça fede". Outra falha no aspecto gastronômico é que não se conseguiu impedir a venda de cachaças ilegais na Praça Central, que continuou com grande movimentação de pessoas e carros de sons e com intenso consumo de cerveja e de cachaça comercializada em garrafas plásticas de PET, sem identificação de origem.

Em Abaíra a colheita e o processamento da cana para a produção de cachaça ocorrem normalmente de junho a setembro, quando a precipitação pluviométrica é baixa ou inexistente e a temperatura ambiental é baixa. Em 2005, devido ao prolongamento das chuvas nos meses de junho e julho, houve necessidade de retardar tais procedimentos, levando à falta da cachaça Abaíra no mercado local durante o evento e, conseqüentemente, à intensificação do consumo de outras bebidas. Esse fato ilustra a prevalência dos condicionamentos econômicos e sociais sobre os condicionamentos ecológicos na definição das datas das festas modernas, tomadas como processos de integração simbólica. Em sociedades tradicionais, como, por exemplo, entre os índios Kamayurá do Alto Xingu, o Kuarup, festa em que os índios choram seus mortos e se atualiza o mito da criação, o ciclo cultural associa-se à fertilidade agrícola, de forma que a data da festa é definida quando há disponibilidade de mandioca em quantidade suficiente para preparar o beiju a ser servido a todos os participantes das várias tribos convidadas. (AGOSTINHO, 1974). Atualmente, as exigências da produção cultural (organização, previsão orçamentária, patrocínio e divulgação, etc.) exigem uma grande antecedência na definição dos calendários de festas, que as torna susceptíveis às variações imprevisíveis no ciclo natural.

Apesar da diversificação da oferta de atrativos na festa, o funcionamento do Centro Comunitário apenas à noite, principalmente a partir das 23 h, com o início da programação musical dirigida ao público jovem, bem como a montagem do parque infantil em área afastada da praça, pouco freqüentada à noite, fez com que as famílias, as crianças e os idosos que se dirigiram à praça ficassem sem atrativos neste espaço, que, como nos festivais anteriores, e ainda com maior intensidade, foi invadido por barulhentos carros de som e pelo público jovem, intensificando a exposição das crianças a cenas de consumo de bebidas. (Fig. 20). A forma de organização e divulgação do festival privilegiou o público juvenil (Fig. 21), transformando os demais em espectadores de sua diversão e comprometendo a manifestação de antigas sociabilidades. (Fig. 22-23).



Fig. 20. Praça Central. Jovens dançam e bebem, sendo observado por grupo de crianças.



Fig. 21. Peça de divulgação do festival, com ênfase na dimensão espetacular.



Fig. 22. Senhores em torno da escultura de engenho, na Praça Central, observando a festa dos jovens.



Fig. 23. Adultos e crianças sentados na Praça Central.

A adesão dos jovens participantes do festival aos padrões prevalentes em escala nacional é notória tanto em termos do vestuário, das formas de sociabilidade, do gosto musical e, até mesmo, da preferência por bebidas! Vale ressaltar que a cerveja foi a bebida mais consumida nos dias do festival, inclusive tendo uma das marcas se beneficiado com o fato de ter atuado como patrocinadora do evento.

Para Certeau (1995) as produções culturais contemporâneas tendem a folclorizar as representações coletivas, organizando-se segundo racionalidades ou poderes econômicos. Assim, "as instâncias ideológicas metamorfoseiam-se em espetáculos", de forma que as produções para expectadores sentados tendem a proliferar nos espaços de lazer, excluindo-se os espaços para o imprevisto e para a criação e transformando o povo em público. (p. 198).

Segundo Jameson (2001) o mundo contemporâneo envolve um modo novo de viver o cotidiano em que a imagem e os atos de visão se impõem em todos os lugares, saturando a vida social, contexto em que a experiência de ser olhado torna-se primária. Mas, como ressalta o autor, não se trata de uma questão de simplesmente repudiar as novas formas de experiência ou condená-las a partir de uma perspectiva moral em nome de valores do passado, pois como Marx gostava de dizer *Hic Rhodus, hic salta!*: este é o nosso mundo, o único com que podemos trabalhar. O que é importante é que o olhemos sem ilusões e que reconheçamos a necessidade de novas formas de solidariedade e coesão social para defender formas culturais locais em face da standardização da cultura mundial.

Para Berger (2004) as ameaças atribuídas a uma cultura global emergente são exageradas, já que o consumo de aspectos dessa cultura, em si própria heterogênea, é bastante complexo. Embora possa envolver uma aceitação imediata ou rejeição ativa, esse consumo é, na maioria dos casos, superficial, não tendo um efeito profundo sobre as crenças, os valores e os comportamentos das pessoas. Também podem ocorrer processos significativos de reinvenção local da cultura global, de revitalização de formas culturais nativas ou, ainda, de hibridização de traços culturais estrangeiros e nativos. Para o autor, "a idéia de uma homogeneização global inconsciente subestima em muito a capacidade dos seres humanos de serem criativos e inovadores quando enfrentam desafios culturais" (p. 21), sendo que, entre a globalização e o provincianismo, as pessoas geralmente preferem um meio termo que garanta um desejável grau de liberdade individual e das coletividades.

O desenvolvimento [cultural] combate o uniformismo em dois sentidos: contraria a homogeneização mercantilista veiculada pelas indústrias culturais, o turismo, a publicidade e até a escola [...] mas contraria também o tradicionalismo, o encerramento em si mesmo, a idolatração passadista do estereótipo cultural autóctone. (SILVA, 2000, p. 148-149)

As festas, sendo textos para consumo, têm assumido um caráter compósito, com uma ampla diversificação de ofertas como estratégia para atrair um público amplo. Esses textos geralmente incorporam vários discursos, posições ideológicas, estruturas narrativas, construção de imagens e efeitos.

A conglomeração de elementos aparentemente diversos e até antagônicos, numa mesma seqüência festiva – elementos ruralizantes e urbanos, tradicionais e midiáticos, conservadores e juvenis, se quisermos simplificar – que confere o tom compósito que tanto incomoda os protagonistas claramente vinculados a um só padrão, corresponde, indiretamente, ao seu nível e no seu registro próprio, à continuidade social entre espaço urbano e espaço rural. O ordenamento compósito das festas pode ser lido, na perspectiva sociológica, como um texto que recria o compósito do território, para o qual as distinções polares entre campo e cidade deixaram de fazer tanto sentido. (GASPAR et al., 1987 citado por SILVA, 2000, p. 108).

O caráter compósito das festas também se manifesta pela combinação da dimensão espetacular, de adesão maciça, com a dimensão ritual, de ressonância coletiva, e, ainda, conforme ressaltado por Silva (2000), na dialética entre o plano da produção mercantil e o plano da produção ideológica das legitimidades econômica, política e cultural.

Os programas festivos, eles próprios um dos momentos principais de afirmação estratégica de identidades e poderes locais, propõem resolver a relação entre, de um lado, a incontornável diversificação da oferta, de acordo com a diferenciação das procuras sociais (de gênero, geração, classe ou modo de vida) e, do outro, o risco do dilaceramento da comunidade segundo esses mesmos eixos; e se propõem combinar com o mínimo de harmonia dois planos complementares, mas sujeitos a lógicas parcialmente divergentes: o plano simbólico-ideológico da identidade festiva coletiva e o plano mercantil da rentabilização e industrialização, nomeadamente turística, da identidade e da festa. (SILVA, 2000, p. 94).

Embora as atividades festivas com raízes comunitárias estejam sofrendo a influência das formas de socialização oriundas das grandes indústrias do lazer, especialmente devido à difusão de valores culturais urbano-cosmopolitas e às propostas de folclorização dos costumes tradicionais, o impacto dessas formas de socialização no domínio dos valores, das representações e dos estilos de vida dos grupos sociais se dá com velocidades, formas e efeitos distintos. (SILVA, 2000).

Segundo Kellner (2001) a produção cultural baseia-se em uma concepção comercial de cultura, produzindo coisas que sejam populares e que atraiam grande público. A cultura veiculada pela mídia tornou-se "força dominante de socialização", produzindo novos modos de experiência e subjetividade, e "arena de lutas" que os grupos sociais tentam usar para promover seus interesses. Mas, apesar do poder dominante dos produtos da indústria cultural, eles quase sempre resultam em significados e usos próprios, quando consumidos por um público ativo.

AS ENCRUZILHADAS DOS BASTIDORES...

O evento técnico, realizado na APAMA (Fig. 24) teve um toque reivindicatório e evidenciou as dificuldades do setor de produção de cachaça artesanal de qualidade, decorrentes da ausência de políticas públicas que beneficiem o setor, bem como da existência de diferentes interesses institucionais e pessoais, que muitas vezes se sobrepõem aos interesses coletivos.

A programação envolveu palestras sobre diversos temas, tais como: Legislação (Ministério da Agricultura), Financiamento (Banco do Brasil), Certificação (IBAMETRO), Gestão de Conflitos Ambientais (IBAMA), Denominação de Origem (UNIFACS) e Melhoramento da Cana-de-Açúcar (EMBRAPA). Houve pronunciamentos de líderes políticos, que manifestaram sua disposição em dar apoio ao setor, e também uma roda de negócios, conduzida pelo SEBRAE, com representantes de distribuidores de bebidas, de hotéis e de supermercados, representantes comerciais, produtores de cachaça e consultores técnicos, seguida de uma sessão de degustação e de uma visita às instalações da APAMA. (Fig. 25)



Fig. 24. Sede da APAMA.



Fig. 25. Laboratório da APAMA.

O governo federal, através do decreto nº 4.062/2001, definiu as expressões "cachaça", "Brasil" e "cachaça do Brasil" como indicações geográficas, sendo seu uso garantido apenas à cachaça produzida no território brasileiro. A publicação do decreto nº 4.851/2003, que apresenta especificações claras da bebida, em substituição ao decreto nº 4.072/2002, que apresentava dubiedades, também contribuiu para fortalecer a cachaça como bebida nacional brasileira. Apesar deste reconhecimento oficial, o setor de produção de cachaça artesanal apresenta sérias dificuldades, estando enredado em uma série de questões tributárias, fiscais, legais, ambientais, sanitárias, culturais e educacionais. Entre elas, destacamos:

- **Alta tributação** (86%), equivalente à da indústria de fogos de artifício, pelo fato do consumo excessivo do produto trazer prejuízos à saúde, o que justificou sua exclusão do SIMPLES.
- **Alto nível de informalidade das unidades produtivas**, em decorrência dos altos impostos e da burocracia para legalização dos empreendimentos e dos produtos. Apesar de mais de 60% da população da região ter como fonte de renda a cachaça produzida nos cerca de 500 alambiques existentes, gerando 3.500 empregos diretos e 11.000 empregos indiretos, apenas 34 produtores têm seu produto vinculado à marca Abaíra. Os produtores informais, que detêm, em sua maioria, baixo nível de escolaridade e de conhecimento técnico, produzem a cachaça por um processo empírico. Sem condições de entrar no mercado mais exigente, ameaçam os produtores formais ao venderem seu produto por baixos preços aos atravessadores clandestinos.
- As **exigências cada vez maiores de certificação da qualidade da cachaça**, o que requer investimentos dos produtores artesanais em instalações e equipamentos. O IBAMETRO, entidade certificadora do IMETRO, preocupada com a segurança alimentar e a destinação de resíduos, criou em 2005 um regulamento para certificação de cachaça e está realizando uma pré-auditoria, constando de 64 itens, em 8 unidades de produção vinculadas à APAMA. Essa pré-auditoria indicou a necessidade de ajustes em vários itens como rastreabilidade do produto, registro, limpeza e higienização. Para receber o selo do IBAMETRO a qualidade do produto tem que ser atestada na auditoria e, também, em ensaios laboratoriais. Embora o representante do IBAMETRO tenha ressaltado que "os requisitos de certificação não são nenhum bicho-de-sete-cabeças" e que "o custo da certificação é baixo", a adesão diferenciada dos produtores vinculados à APAMA ao processo de certificação poderá aumentar ainda mais a heterogeneidade entre as unidades produtivas da região.

Uma iniciativa para atestar a qualidade do produto tem sido a intervenção no sentido de se obter a Indicação Geográfica, com registro no INPI, visando à indicação de procedência da cachaça Abaíra, o que levaria à restrição do uso do nome **Abaíra** para a cachaça produzida naquela região geográfica, à agregação de valor aos produtos e à região, à valorização do patrimônio intangível dos produtores locais e à potencialização do turismo rural na região.

Fazer valer uma cidade, potenciar a sua afirmação em contextos geopolíticos mais largos, constitui um objetivo incontornável para quem quiser retirar dividendos quer do ponto de vista simbólico, quer do ponto de vista político, quer do ponto de vista econômico: por exemplo, para defender ou conquistar vantagens relativas, na rede da administração estatal, para defender ou conquistar atratividade, perante investimentos públicos e privados, para fixação de grupos sociais qualificados ou os vários tipos de turismo. (SILVA, 2000, p. 127).

Nas políticas de desenvolvimento estabelecem-se relações estratégicas de cooperação ou competição entre cidades e regiões. No entanto, é importante atentar para o fato de que centrar as estratégias de ação na construção de identidades pode gerar conflitos e limitar as ações concertadas diante de opositores comuns. Assim, uma política de zoneamento da produção da cachaça artesanal no estado da Bahia deveria ser formulada em bases consensuais, uma vez que tensões internas ao grupo de produtores poderiam desviar o foco de problemas cruciais como a tributação, a legislação e a comercialização.

A diferença vende. O capitalismo deve estar constantemente, multiplicando mercados, estilos, novidades e produtos para continuar absorvendo os consumidores para as suas práticas e estilos de vida. [...] Também pode promover uma forma de política de identidade em que cada grupo afirme sua própria especificidade e limite essa política a seus próprios interesses, deixando de ver assim as forças comuns de opressão. Tal política da diferença ou da identidade ajuda nas estratégias de 'dividir para conquistar' que em última análise servem aos interesses do poder vigente. (KELNNER, 2001, p. 61).

Na Bahia há interesses conflitantes em torno da certificação da origem. A APAMA empenha-se para que seja realizado o zoneamento das regiões produtivas. A cachaça Abaíra seria beneficiada pelo fato de sua qualidade ser reconhecida no mercado e associada ao **lugar**. Por outro lado, há um movimento unificador liderado pela recém-criada Associação Baiana de Cachaça de Qualidade (ABCQ) no sentido de se criar um selo de procedência vinculado à Bahia, o que beneficiaria marcas de cachaças produzidas em regiões sem as condições edafo-climatológicas favoráveis à produção existentes na Chapada Diamantina.

Para aprofundar a compreensão das relações de força envolvidas no discurso regionalista são pertinentes as contribuições de Bourdieu (2004) sobre a idéia de região. Tomando o poder simbólico como o "poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo", e que "só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário" (p. 14), Bourdieu considera a regionalização como um ato de poder simbólico, pois produz a existência daquilo que enuncia, ou seja, uma descontinuidade objetiva na continuidade natural dos territórios. Essa regionalização é objeto de disputas em torno dos princípios da divisão legítima, as quais envolvem um discurso *performativo*, que objetiva impor como legítima uma nova definição arbitrária das fronteiras e dar a conhecer e fazer reconhecer a região assim delimitada contra a definição dominante.

Esse discurso performativo somente consegue trazer à existência a região se aquele que o realiza for capaz de, através de sua palavra, impor uma nova visão e uma nova divisão do mundo social, podendo para isso tomar partido do efeito simbólico exercido pelo discurso científico, apropriando-se dos critérios supostamente "objetivos" por ele construídos. Precisa, também, ser pertinente, ou seja, fundamentado na objetividade do grupo a que ele se dirige, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste grupo, assim como nas propriedades econômicas ou culturais do grupo.

As lutas a respeito da identidade regional [...] são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e desfazer os grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo. (BOURDIEU, 2004, p. 113).

Portanto, há uma lógica simbólica na distinção de um grupo, já que para que o grupo passe a existir não basta que se auto-proclame diferente, mas também que seja reconhecido legitimamente como diferente, já que "a existência real da identidade supõe a possibilidade real, juridicamente e politicamente garantida, de afirmar oficialmente a diferença". (BOURDIEU, 2004, p. 129). Resta saber em que medida os produtores de cachaça de Abaíra estão em condições de se contrapor à dominação implícita nas

práticas de unificação dos bens culturais e simbólicos, fazendo valer e objetivando os seus princípios de percepção e categorização do mundo social da cachaça no zoneamento da produção. Mas há indícios de que eles sabem perceber como se pode tirar proveito simbólico do "lugar", quando, por exemplo, o produtor mais antigo da cidade, o Sr. Elias, afirma que "as palavras que todos dizem num **lugar** tornam-se certas" ou, então, quando o diretor da APAMA diz que "em **lugar** sem água boa não se faz cachaça boa". (grifo nosso)

- A **inexistência de linhas de crédito** para modernização de pequenas unidades produtivas.
- A **concorrência** das grandes indústrias de cachaça de coluna, que atualmente dominam 98% do mercado de exportação e que têm exercido forte influência para que seja proibido o emprego dos termos cachaça artesanal e cachaça de alambique nos rótulos das embalagens.
- **Falta de representatividade de classe e de mobilização política** para interferir na tributação e legislação do setor, o que é agravado pela inexistência de políticas públicas que tratem de maneira diferente os desiguais, favorecendo o pequeno capital e a pequena propriedade. A criação de estratégias de governo específicas seria uma forma de reparação e tratamento diferenciado ao setor que mais emprega e inclui socialmente na região⁹.

O problema intensifica-se ainda mais ao considerarmos o atrelamento das políticas públicas dos países periféricos como o Brasil aos interesses do mercado global desregulamentado. Para Soros (2004) "o campo de jogo do sistema financeiro global é tudo menos nivelado", pois as taxas de juros são mais altas na periferia do que no centro. Em consequência, há pouquíssimo capital financeiro disponível para os países de periferia. A disparidade do custo do capital tem encorajado a compra de empresas domésticas por multinacionais, tornando-se mais difícil para as empresas domésticas de países periféricos competirem com as multinacionais. Para disseminar mais igualmente os benefícios do capitalismo global e torná-lo, conseqüentemente, mais aceitável e duradouro, a "criação de um campo de jogo nivelado deveria ser prioridade". (p. 133-134).

Para Faux e Mishell (2004) a estratégia apontada pelas elites políticas para diminuir as desigualdades entre países centrais e periféricos da economia global e a pobreza no mundo é a implementação de técnicas de desenvolvimento econômico que capacitem os pobres na competição do mercado de trabalho, sendo que uma das medidas seria dar atenção às pequenas e médias empresas. O Relatório de Desenvolvimento Humano do PNUD insiste na importância de apoiar essas empresas no processo de exportação para que entrem no mercado externo (CUÉLLAR, 1997), mas, para os referidos autores, essa medida tem pouca efetividade, já que o número de pequenos empresários potencialmente bem sucedidos em relação ao total é limitado e também porque ignora que a destruição das pequenas

⁹ Davis (2002) considera que as origens do Terceiro Mundo e a sua vulnerabilidade à fome têm como fatores determinantes a descapacitação dos Estados de lidar com as tensões climáticas, o empobrecimento familiar e o esgotamento dos recursos naturais da agricultura tradicional. No caso do Nordeste do Brasil, não houve desde o século XIX, até a década de 1960, quando ocorreu uma ameaça de revolução social, nenhuma papel significativo do Estado no desenvolvimento, sendo as principais vítimas do holocausto provocado pela seca as populações agrícolas de baixa renda, que não dispunham de sistemas de abastecimento de água ou de irrigação para manter o gado e o cultivo de subsistência. Ainda hoje, é aviltante a descapacitação do Estado de promover políticas públicas e de realizar investimentos que, ao invés de favorecerem o processo de acumulação pelas grandes unidades de produção rural do Nordeste, beneficiem estrategicamente, as pequenas propriedades rurais.

empresas em favor de concentrações maiores de capital favorece o funcionamento do livre mercado, o que é evidenciado pelo fato de que o efeito do capital externo novo na maioria dos países não é criar novas indústrias, mas destruir, modernizar e reorganizar as antigas.

A pressão política favorável à globalização vem, em grande parte, das empresas e instituições financeiras multinacionais cujo interesse primário não é permitir que os produtores de baixa renda dos países em desenvolvimento tenham acesso ao mercado mundial avançado, mas sim permitir que elas mesmas se tornem, direta ou indiretamente, produtores em países de baixa renda. (FAUX; MISHELL, 2004, p. 156).

Nesse sentido, a melhor estratégia para diminuir a disparidade crescente de renda e riqueza no mundo, gerada pela liberação dos mercados e dos investimentos, seria "evitar políticas que acelerem a integração econômica até termos outras que protejam e promovam os interesses dos trabalhadores e dos pobres, com eficácia igual à daquelas que hoje protegem o interesse dos investidores". (FAUX; MISHELL, 2004, p. 159).

O atual regime econômico internacional de mercados globais desregulados é econômica e politicamente instável. As pessoas que ganham a vida com o trabalho, seja em seu país, seja no exterior, resistem cada vez mais a serem lançadas no mar tempestuoso da competição econômica global, onde só os investidores da primeira classe recebem coletes salva-vidas. (FAUX; MISHELL, 2004, p. 161)

Segundo Kuttner (2004), torna-se urgente o desenvolvimento de estratégias de intervenção dos Estados diante de instabilidades geradas pelo mercado global, pois os altos graus de desigualdade de renda e riqueza têm começado a comprometer a cidadania democrática. Além disso, é preocupante o fato de que o globalismo despolitiza questões que são inerentemente políticas, fazendo com que os trabalhadores internalizem valores da nova economia (empreendedorismo, capacidade de assumir riscos, etc.) que os fazem acreditar que eles próprios são culpados por seu horizonte econômico mais baixo. É uma crença que, sem dúvida, se constituirá em mais um obstáculo no caminho sempre por caminhar em direção à modernidade autóctone.

O crescimento da economia mundial [...] permite o crescimento de formas nativas de capitalismo, que são distintas do mercado livre ideal, e também umas das outras. Cria regimes que alcançam a modernidade através da renovação de suas próprias tradições culturais, e não através da imitação dos países ocidentais. Há muitas modernidades, assim como há muitas formas de não atingir a modernidade. (GRAY, 1998 citado por JAMESON, 2001, p. 32).

Também nesta perspectiva, Beck (2004) considera que praticamente a única coisa que resta do sentimento comunitário no mundo ocidental é a luta diária pela própria vida, em que o fracasso se tornou um fracasso pessoal, não sendo mais percebido, ou o sendo de modo muito indireto, em sua dimensão social. Diante desse cenário sombrio, o Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento da UNESCO (1992-1995), afirma que não se pode mais conceber projetos de desenvolvimento independentemente das pessoas às quais se destinam. Deve-se dar primazia às pessoas e à construção coletiva, já que a maior parte das pessoas deseja participar da "modernidade", mas dentro de suas próprias tradições (CUÉLLAR, 1997, p. 39).

• **Dificuldades de comercialização do produto**, em decorrência de vários problemas, como: estradas ruins, rotas de transportadoras que não contemplam a cidade e ações promocionais insuficientes para romper com a visão marginal do produto na sociedade.

A roda de negócios evidenciou uma das dificuldades para a comercialização da cachaça artesanal: a falta de marketing. Como a cachaça ainda figura nas representações sociais de forma estigmatizada, é necessário mudar essa visão, associando-lhe não só os **atributos da tradição**, assumindo-se que beber cachaça é um ato de recuperar simbolicamente o passado, mas, também, os **atributos do requinte**, já que consumir cachaça exigiria uma ambiência social, uma temperatura apropriada do produto, o conhecimento dos aspectos da produção que conferem qualidade às marcas e, ainda, preocupações com a harmonização.

A legitimação social da cachaça tem exigido um deslocamento semântico: de bebida de pobres, negros e bêbados para bebida sofisticada, requintada e tolerada socialmente, quando consumida com elegância, moderação e autocontrole. Esse novo sentido deslocaria até mesmo o ritual, conclusão a que chegou um dos participantes da roda de negócios: "Então, agora não precisa dar pro santo?". Não resta dúvida de que promover esse deslocamento semântico é uma exigência mercadológica e, talvez, até mesmo, de sobrevivência da cachaça artesanal, mas em que medida realizá-lo também não significa desconsiderar costumes antigos? Não seria uma imposição de **civilidade**¹⁰? Como a promoção de uma nova imagem da cachaça de qualidade gera custos e torna mais caro o produto, será que só o rico terá acesso à cachaça de coração ou sem metanol?

Segundo Santos (1998) o Brasil vive a obsessão do descompasso em relação às sociedades avançadas, que se traduz na síndrome da modernização. A elite e o sistema político atribuem o subdesenvolvimento, não à condição neocolonial do país, mas ao comportamento atrasado do povo e à "cultura nacional". Assim, não é o sistema que precisa mudar. Os brasileiros é que precisam mudar; ficar modernos... velhas estruturas, padrões e costumes, velhos modos de pensar e de viver devem ser desmantelados para que surja de fato uma sociedade capitalista eficiente. Para o autor, os brasileiros contemporâneos precisam 'redescobrir o Brasil', procurando, no seu caminho para o futuro, se reconectarem com as tradições, não aquelas situadas num passado remoto, mas aquelas ainda vivas, que precisam ser tomadas como um legado crítico e que se manifestam na forma como os diferentes povos constroem seu vínculo com a natureza através da atividade técnica.

- Falta de compatibilidade entre equipamentos oferecidos por empresas do setor, as recomendações técnicas dos especialistas e as necessidades cotidianas dos produtores. Por exemplo: a maioria dos alambiques de coluna seca é construída com a conexão entre a coluna e a panela feita por flanges de bronze aparafusados, o que dificulta a abertura para limpeza interna e repercute na qualidade da cachaça produzida. A solução recomendada pelos técnicos de substituir os parafusos por "G-clamps" ainda não tem sido disponibilizada aos produtores.

¹⁰ Embora a palavra civilização nos seja familiar e até mesmo central em nossa experiência de modernidade, sua invenção é muito recente. Segundo Dejean (2005), ela foi cunhada na metade do século XVIII e só passou a ser usada em francês na virada do século XIX. Embora inexistente no final do século XVII, a palavra civilização já era sentida como necessária, pois o conceito já se expressava pelo emprego de um campo semântico que envolvia palavras como civilidade, polidez, modos, cortesia, sociedade civil, refinamento, gosto. Embora tais valores aristocráticos visassem unificar os povos que baseassem neles suas condutas, o vocabulário civilizador difundia a existência de apenas um bom gosto: o francês. Para a autora a reivindicação do status de moderno ou civilizado é, ao mesmo tempo, "um reconhecimento do peso da tradição e uma admissão de um sentimento de atraso e de decadência". (p. 44)

- **Falta de sinergia nas ações dos vários órgãos e entre os atores interessados no fortalecimento do setor de produção de cachaça artesanal de qualidade.** Por exemplo: enquanto o Ministério da Agricultura incentiva o associativismo e o cooperativismo, a Receita Federal impõe dificuldades, exigindo de cada associado sua inscrição no CNPJ.

- **A heterogeneidade existente no mundo social,** que contradiz o discurso de identidade construído em torno da cachaça no Brasil e em torno da produção da cachaça de qualidade em Abaíra.

A tentativa de se criar uma imagem positiva da cachaça como bebida nacional brasileira, através de medidas de institucionalização e promoção do setor e do estabelecimento de padrões de qualidade para o produto tem um caráter ideológico, no sentido marxista de ocultar a realidade profunda. Isto porque faz parte de um processo de produção e objetivação de um discurso definidor de uma identidade comum aos brasileiros, a suposta brasilidade, que estaria enraizada na tradição e que nos singularizaria frente a outras sociedades. Esse discurso e as práticas sociais a ele correlatas não levam em conta as variações culturais existentes no país e ocultam o estigma social vinculado à cachaça. Ao circular na sociedade, esse discurso de identidade nacional¹¹ cumpre um papel descritivo e normativo, pois, a partir dele, formas de ser, agir e pensar passam a ser explicadas, justificadas, racionalizadas, difundidas ou, até mesmo, criadas. (GOLDMAN; NEINBURG, 2002)

No Brasil, as tentativas de construção de uma nacionalidade, a partir do século XVIII, envolveram perspectivas contraditórias. Embora a cultura popular fosse então valorizada como reduto da essência nacional, tais tentativas tinham como horizonte os ideais civilizatórios, que exigiam que nos desprendêssemos dos testemunhos do passado. Nos últimos tempos, a cultura popular brasileira (futebol, carnaval, cachaça, mulatas, etc.) tem sido exportada para outras nações como elemento simbólico de brasilidade. O interesse, no entanto, não recai propriamente na cultura das classes populares enquanto **modo de vida concreto**, e por isso contraditório e dinâmico, mas sim em produzir e promover uma imagem idealizada da cultura popular como algo homogêneo e cristalizado no tempo.¹² (ORTIZ, 1992).

¹¹ Para Ortiz (1992) a noção de cultura popular, sobre a qual se fundamenta a definição da cachaça como bebida nacional brasileira, seria uma **construção** do século XVIII, introduzida pelo filósofo romântico alemão Herder e incorporada pela linguagem cotidiana. Opondo-se à teoria evolucionista das sociedades e à idéia iluminista de progresso, nas quais se apoiava a crença na superioridade da França e da Inglaterra, Herder valorizou as diferenças e as particularidades do povo germânico, reivindicando, no plano do pensamento, sua unicidade em relação a outros povos. O relativismo histórico, formulado por Herder numa época em que o império germânico ainda não possuía uma configuração de nação, teve uma importante dimensão política. Ele inspirou a constituição da Alemanha como nação, por meio da **construção** de uma cultural nacional que tinha por substrato as tradições, com importante papel seja na unificação interna dos diferentes grupos sociais com interesses contraditórios, seja no fortalecimento no plano externo. Dejean (2005) discorda dessa idéia, que teria sido formulada originalmente por Norbert Elias, de que foram os alemães que criaram o conceito de cultura, embora concorde que a palavra *Kultur* foi por eles empregada na busca de delimitação do caráter nacional alemão. A palavra cultura, longe de ser uma criação do século XVIII, teria surgido uns cinquenta anos antes, em 1688, quando Fontenelle efetuou um deslocamento semântico, de cultivo da terra para cultivo do intelecto, ao se referir ao modo de pensar e ao clima intelectual de um país na determinação do entendimento da nação na sua especificidade. Para a autora, o conceito de cultura, já naquela época, envolvia a aceitação das diferenças, tendo sido formulado em oposição ao conceito unificador de civilização. Embora as palavras cultura e civilização sejam criações simbólicas, ao serem empregadas, geram a confiança de que realmente existem, servindo para unir ou distinguir grupos e para acionar práticas.

¹² Segundo Thompson (1998, p. 17), a cultura é uma "arena de elementos conflitantes", embora o termo seja uma "invocação confortável de um consenso". Esse consenso, construído sob alguma pressão imperiosa, "pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes no conjunto".

Mesmo em face de tantas e tão graves dificuldades do setor de produção de cachaça, há iniciativas coletivas visando seu fortalecimento, cujos desdobramentos são ainda imprevisíveis, dentre as quais destacamos: a reivindicação política de que seja implantada na região uma escola profissionalizante; a decisão de dar prosseguimento às ações necessárias ao zoneamento da produção, com implantação da certificação de origem; a proposta de organização de uma Central de Negócios que dê suporte à comercialização; e, ainda, a solicitação dos produtores ao representante do Ministério da Agricultura para que se estabeleça um cronograma de inclusão econômica, social, tributária e cultural dos produtores informais.

Outro relevante aspecto favorável aos processos de mudança locais, relatado por técnicos que atuam na região, é a receptividade dos produtores às inovações, pois ilustra que grupos sociais cujos padrões de conduta tendemos a classificar como tradicionais podem se constituir em importante fator de assimilação de mudanças. Segundo Silva (2000) muito do que catalogamos como atrasado, encerra em si mesmo sinais de uma modernidade. A pequena agricultura vinculada à cachaça em Abaíra é ilustrativa neste caso, pois manifesta plasticidade, adaptabilidade e capacidade de transformação, indispensáveis às dinâmicas de desenvolvimento.

Uma evidência dessa predisposição à inovação foi a aquisição por um antigo produtor, orgulhoso da qualidade de sua cachaça, de uma moenda exposta na Feira da Agroindústria por R\$ 20.000,00. O que teria levado o Sr. Valdo, este humilde produtor de 66 anos, a exibir com orgulho o laudo do Ministério de Agricultura que atesta que sua cachaça atende a todos os requisitos laboratoriais de qualidade? De onde vem a sua motivação para, mesmo diante de tantas dificuldades do setor, comprar uma nova moenda para atender às exigências de conformidade do IBAMETRO e ter sua cachaça certificada? Haveria outra razão que a "ressaca" hodierna provocada pela ativação de fundos de memória coletiva, cujas ondas se batem contra as rochas dos novos tempos, se espriam nas práticas cotidianas e embriagam a todos de esperança?

A "SAIDEIRA"...

Como dizem e o cancionista popular reitera, em torno da mesa de um bar *todo mundo é igual*. Foi em tal circunstância que transcorreu um diálogo entre um antigo produtor de alambiques, o filho de 24 anos deste produtor, que está seguindo a profissão do pai, um fabricante de moendas, um consultor técnico dos produtores locais e o mais antigo produtor de cachaça da região, Sr. Elias, que tem 80 anos. Eles ensinavam-aprendiam, enquanto conversavam informalmente sobre a adequação dos equipamentos empregados na fabricação da cachaça. O produtor de moendas ouvia com curiosidade e atenção as sugestões do consultor técnico para aperfeiçoar suas moendas e concordou com a idéia de que todo produtor de equipamentos deveria passar um bom tempo acompanhando *in loco* a produção de cachaça para que pudesse adequar seus produtos às necessidades do processo.

Questionado pelo consultor técnico, o antigo produtor explicou que, no passado e ainda hoje, para enrodilhar a serpentina do condensador os produtores colocam areia dentro do tubo de cobre. O produtor

de alambiques contou orgulhoso que descobriu um método de vergar o tubo sem a necessidade de colocar areia, evidenciando que a inventividade não é atributo exclusivo dos especialistas. O consultor técnico sugeriu a ele e a seu filho que introduzissem uma inovação técnica nos condensadores dos alambiques por eles produzidos, que, além de não requerer que se vergasse o tubo, facilitaria a limpeza do condensador: a substituição da serpentina por um trocador de calor feixe-tubular. A idéia foi rapidamente compreendida e valorizada pelo jovem, que, entusiasmado, disse que ela era viável e que iria buscar colocá-la em prática.

Essa cena na mesa de um bar, em que a discussão leal de soluções para aperfeiçoar a produção se sobrepôs aos interesses individuais, nem sempre tem correspondência em situações formais de negociação e debate entre os diferentes atores do agronegócio da cana-de-açúcar, pois nelas interesses institucionais ou mesmo a vaidade e a busca de benefícios próprios afloram e muitas vezes se sobrepõem aos interesses coletivos¹³. Mas bem que poderia lhes servir de exemplo... Afinal, um dos importantes papéis da cultura é justamente fazer com que todos os componentes de um grupo esqueçam suas diferenças e se sintam iguais... como na mesa de um bar...

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Pedro. **Kwarip**: mito e ritual no Alto Xingu. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.
- BECK, Ulrich. Viver a própria vida num mundo em fuga: individualização, globalização e política. In: HUTTON, Will; GIDDENS, Anthony (Org.). **No limite da racionalidade**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 235-248.
- BENDIX, Reinhard. Construção nacional e cidadania: estudos da nossa ordem social em mudança. São Paulo: Edusp, 1996.
- BERGER, Peter L. A dinâmica cultural da globalização. In: BERGER, Peter L.; HUNTINGTON, Samuel P. **Muitas globalizações**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: _____. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 107-132.
- _____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.
- CASSIRER, Ernst. **A filosofia do iluminismo**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- CUÉLLAR, Javier Pérez (Org.). **Nossa diversidade criadora**: Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento. Campinas, SP: Papyrus; Brasília: UNESCO, 1997.

¹³ Bourdieu (2005), ao discutir a possibilidade de atos desinteressados, chega à conclusão que esses só são sociologicamente possíveis por meio do encontro entre *habitus* predispostos ao desinteresse e universos nos quais o desinteresse é recompensado simbolicamente. Nesse caso, mesmo as condutas com pretensões universais, voltadas para os interesses coletivos e aparentemente gratuitas ou arbitrarias, são interessadas e traduzem-se em alguma forma de recompensa. A noção de *habitus*, enquanto princípios geradores de práticas distintas e distintivas, contraria, portanto, a idéia de homogeneidade das ações, considerando que a diferença está em toda parte, podendo um ato generoso ou solidário ser movido por diferentes interesses.

DAVIS, Mike. **Holocaustos coloniais**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DEJEAN, Joan E. Cultura ou civilização? In: _____. **Antigos contra modernos**: as guerras culturais e a construção de um fin de siècle. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 177-210.

FAUX, Jeff; MISHELL, Larry. **Desigualdade e economia global**. In: HUTTON, Will; GIDDENS, Anthony (Org.). **No limite da racionalidade**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 137-161.

GOLDMAN, Marcio; NEIBURG, Federico. Da nação ao império: a guerra e os estudos do caráter nacional. In: L'ESTOILE, Benoît; NEIBURG, Federico; SIGAUD, Lygia. (Org.) **Antropologia, impérios e estados nacionais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Faperj, 2002.

JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro**: ensaios sobre a globalização. Petrópolis: Vozes, 2001.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KUPER, Adam. A visão das ciências sociais: Talcott Parsons e os antropólogos americanos. In: _____. **Cultura**: a visão dos antropólogos. Bauru, SP: EDUSC, 2002. cap. 2, p. 73-102.

KUTTNER, Robert; O papel dos governos na economia global. In: HUTTON, Will; GIDDENS, Anthony (Org.). **No limite da racionalidade**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 211-234.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 17 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

ORTIZ, Renato. **Românticos e folcloristas**: cultura popular. São Paulo: Olho D'água, 1992.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ABAÍRA. **Visão de futuro**. 2005. Disponível em: <<http://www.dialserver.com/sistemas/abaira/novosite/link-visaodefuturo.cfm>>. Acesso em: 22 set. 2005.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Tecnologia, natureza e a 'redescoberta' do Brasil. In: ARAÚJO, Hermetes Reis de (Org.). **Tecnociência e cultura**: ensaios sobre o tempo presente. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

SILVA, Augusto Santos. **Cultura e desenvolvimento**: estudos sobre a relação entre o ser e o agir. Oeiras: Celta, 2000.

SOLÉ, Carlota. **Modernidad y modernización**. Barcelona: Anthropos; México: Universidad Autónoma Metropolitana, 1998.

SOROS, George. A nova arquitetura financeira global. In: HUTTON, Will; GIDDENS, Anthony (Org.). **No limite da racionalidade**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 127-135.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.